

The background of the book cover is a light gray color, densely populated with hand-drawn illustrations of galaxies and stars. The galaxies are depicted in various orientations and sizes, some as simple spirals and others as more complex, multi-lobed structures. Small, dark, four-pointed star-like symbols are scattered throughout the background. A large, dark gray, octagonal shape is centered on the cover, serving as a backdrop for the title and author information.

A MORTE DO POETA VITALÍCIO

Narrativas de um Padecimento Poético



Com ilustrações do autor

ALAN VILLELA BARROSO



A Morte do Poeta Vitalício: Narrativas de um Padecimento Poético



Alan Villela Barroso



Editora
Bergamota

A Morte do Poeta Vitalício



Narrativas de um Padecimento Poético

COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

Versão Digital
2021

ALAN VILLELA BARROSO

Apoio:

LEI
ALDIR
BLANC
Leopoldina - MG



PRÊMIO CultLeo



PREFEITURA MUNICIPAL
DE LEOPOLDINA

SECRETARIA MUNICIPAL DE
Cultura
LEOPOLDINA - MG

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



Editora Bergamota

ISBN 9781983092213

Copyright © 2019 Alan V. Barroso

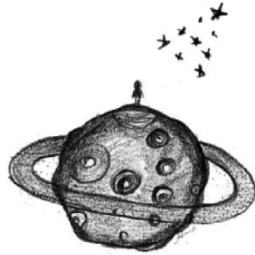
Todos os direitos reservados.

Projeto Gráfico, capa e ilustrações: A. V. Barroso

Texto da orelha: P. R Cunha

Revisão: A. Blair

TESTAMENTO



Atesto:

Mesmo alado,
Não estarei calado,
Pois, o Tempo
É um enigma

Benigno:

Corre,
Atrás,
Versa.

Prevejo,
No fim,
O início
De um novo,
Começo.

SIM



DEDICATÓRIA

Ao Tempo

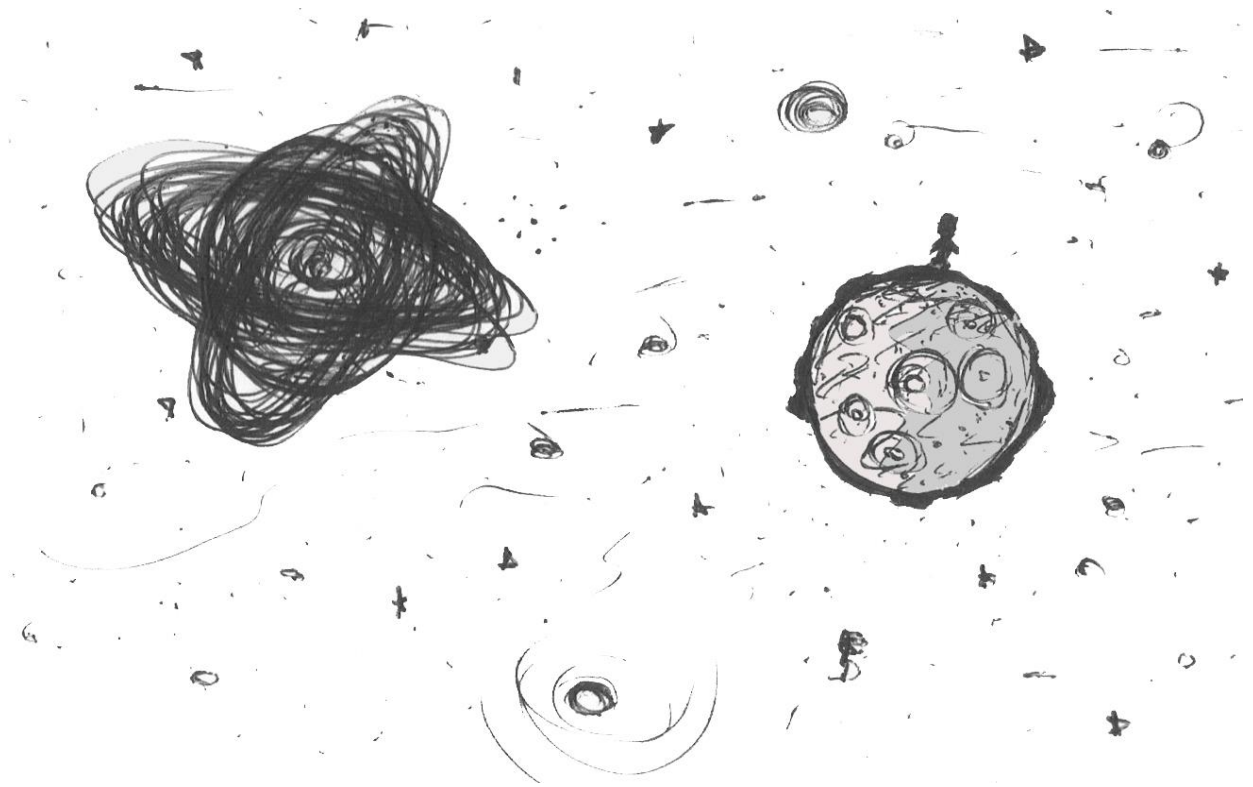
AGRADECIMENTOS

Muito obrigado.

TRILHO SONORO

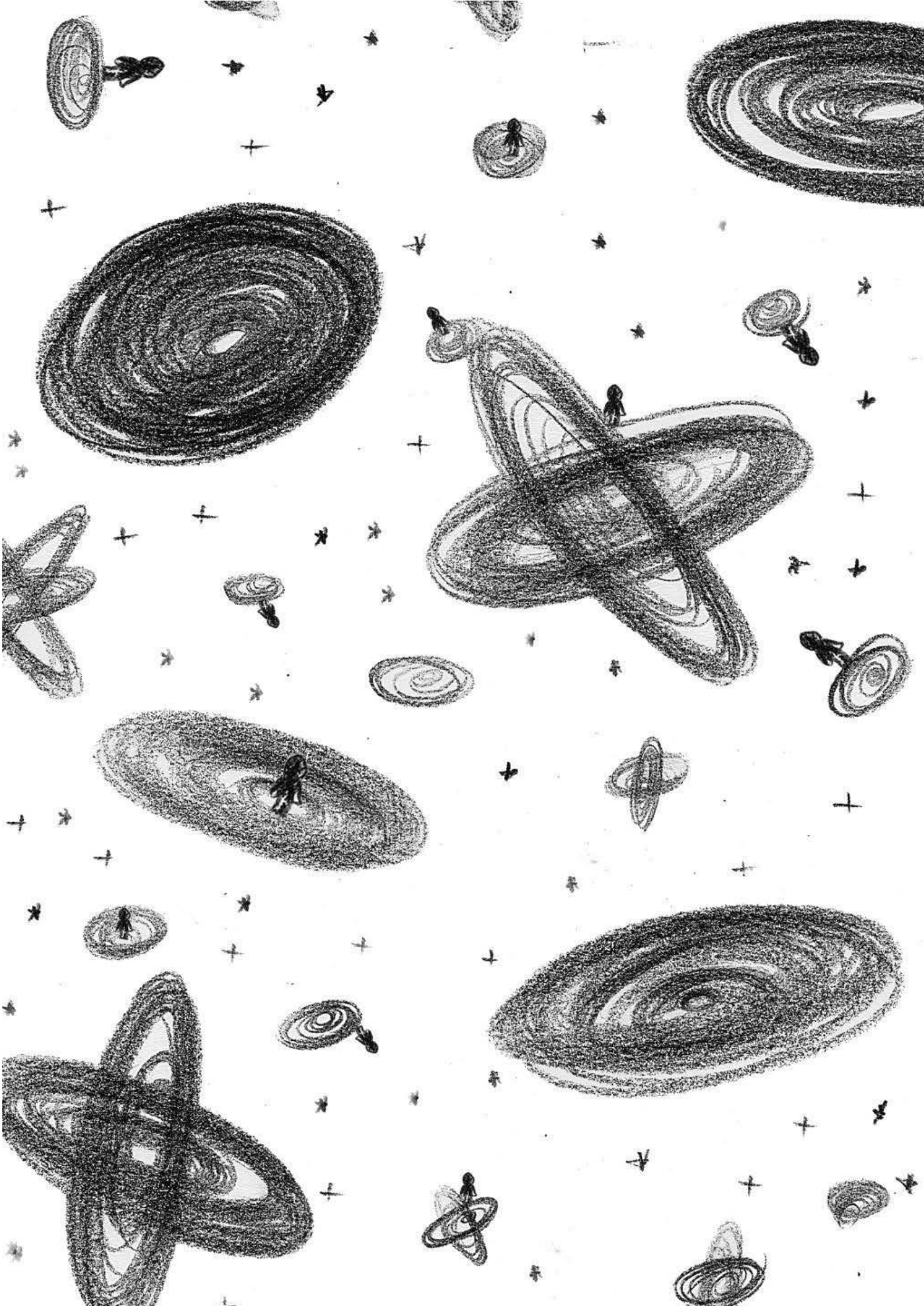


PRÓLOGO



Amor ou a Morte?
Amar ou à Marte?





ATO ÚNICO

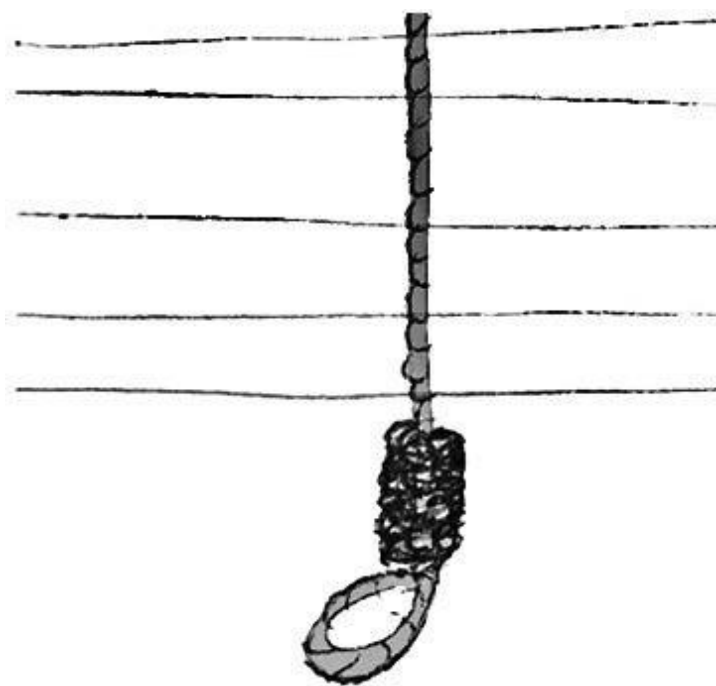


A MORTE DO POETA
VITALÍCIO

Era uma vez...
Teus beijos gulosos, que
Calavam e engoliam minhas poesias.

FIM

SI NÓ



Amanheceu, *Sol*.
Entardeceu, *Dó*.
Anoiteceu, *nó!*



O MARTÍRIO DO POETA

Já
Não sei se,
Sinto muito,
Ou se,
Sentimento.

FALTA

Às vezes, a palavra fartava.
Era poema que não lhe cabia.

COR, CERTEZA

Dias melhores? Vi, hão.

TANTOS CAIS

Já.
Amei muito.
Não amarei mais.
Se foi,
Erro ou acerto,
Tanto,
Cais.

O amor em demasia,
De muito, confundia.

Navego ainda,
Sem saber se,
Meu amor era de mais,
Ou se todo amar é,
Maresia.

SENTIFRIO

Mudo, fasto e vasto mundo,
Se eu não chegasse tão fundo
Seria uma pena, não teria salvação.

Mundo nefasto. Fardo mudo.
Nevaste profundo, nó! Meu coração.

ME UNIR AO VERSO

Meu mudo,
Meu canto,
Meu pedaço de só.

VÉU

Houve
Dia em que havemos.
Hoje, não havemos,
Pois, quando havia,
Não me ouviu.
Quando houve,
Não me viu.
Agora,
Não há,
Mais nada.
Vês?

AMO/SOUL

Ar,
Mar,
Amar.
Armar-me,
Pois, amar-te,
É como a morte.

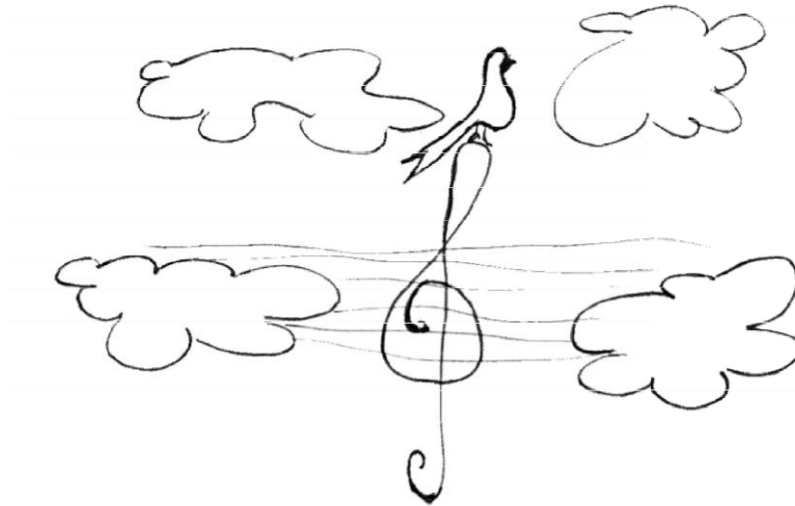
VIDA DUNA

Às vezes, grande.
Outras vezes, grão.

O PÃO DO POETA

*
Eu,
Poeta
Vitalício.
Inspirado, faço
Recheio meio amargo,
Com o vazio que vaza do meu peito,
Amargurado. Prazer derradeiro, masoquista,
Solitário. Degusto feridas fresquinhas, como
Poemas recheados.

ACORDE



Arranhou o dia.
Era *Sol* que me faltava.



DISSE O LIVRO SOBRE A
MESA

Caminhava pela rua
Esforçando-se muito,
Para não tropeçar em paralelepípedo.
Eu acompanhava desejando, apenas,
Que parassem para
Ler meu ímpeto.

UMA QUESTÃO DE VIDA OU
MORTE

Entre as opções apresentadas abaixo,
marque a que corresponda com a seguinte
indagação:

Nau ser

Ou

Não ser?

Embarcar:

Sim.

Não.

IMPROVISO CORDIAL

Depois de refletir,
Decidira-se, por fim.
O melhor caminho seria,
Então, com a corda, logo.
Quando os dedos sentiram
Ao primeiro toque, pensou:
Hoje irei me calar,
De tanto improvisar
Acordes.

SOB MIM HÁ MAR



Se,
Sou,
Tanto céu,
Quanto mar,
Como não irei,
Me amar?



RESPEITÁVEL PÚBLICO

Eu sou
Responsável
Em ser,
Um
Responsável
Ser.

DOA NOITE

Dó Mi Sol.

Pôs o dia.

Lá Si, foi.

BOA, SOLTE

Por *Fá*, vou.
*Sol*he peço que *Mi*,
Esqueça.

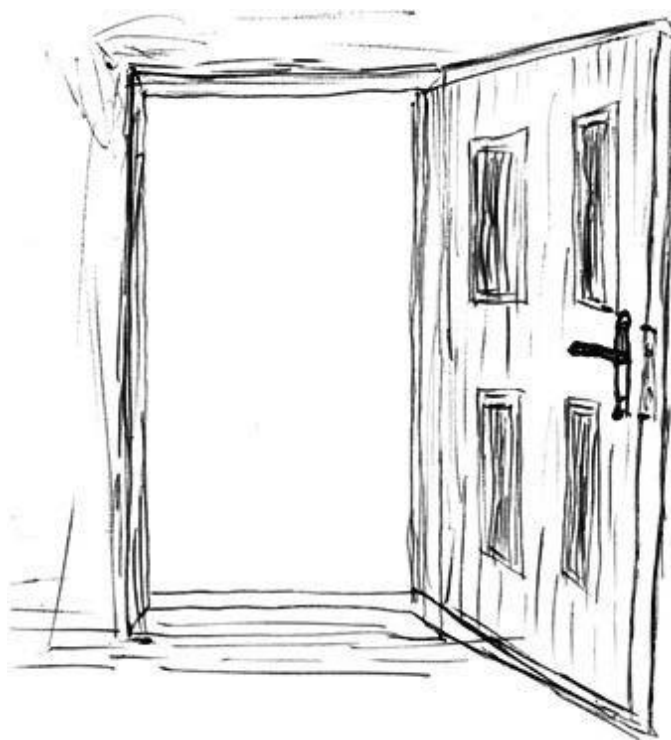
VIA ESPERANÇA



Comprei uma passagem,
Pois, a dor é passageira,
Enquanto cura.



SEJA BEM VAZIO



Sem dar adeus
Fui-me embora,
Deixando-Ti,
Um vazio imenso,
Tanto em teu lado de dentro,
Quanto em teu leito e fora.



PARTIR PARIR

Eu parto,
Te parto.
Teu parto,
Me parte.

EX-CESSO

Nó,
Fim,
Foice.
Para a nuca,
Há mais,
Cortar.

SI MI FÁ SOL

Finalmente,
O Sol decidira
Se opor, por trás
Da montanha.

O BOM SOLDADO À CASA
MARCHA

Meia volta à direita:



Viver.

AVOAR-SE

Vôo.
Embora ouvisse,
Não houve.
Agora ave,
Em boa hora
Houve de ir,
Embora.



VAI PASSAR



Paz,
Sou.



NO MEIO, UM CAMINHO

No meio do caminho
Há vias e uma perda.
Tinha uma perda no meio do caminho.
A ave ia, uma perda.
No caminho do meio,
Não se perca.

VIA DUPLA

Nunca me esquecerei deste fatídico dia.
Não sabia se me despedaçava,
Ou se me despedia.
Na dúvida das vias,
Me despi e,
Par,
Ti.

ADORCICA

Com um leve fio de mel,
Aprende adocicar fel,
Curando com doce
O amargo gozo
Da vida.

SEM PIPAS NA LÍNGUA

Se essa lua fosse minha,
Eu mandava ela brilhar,
Iluminando os caminhos,
Por onde ainda irei passar.

O céu que cobre minha boca,
Às vezes chora, às vezes chuva.
Quem tem culpa,
Se o vento que me levou para longe,
É o mesmo que te machuca?

ELO

Eu. Sozinho,
Semente. Eu.

TEORIA MUSICAL

O dedo com o qual *Si* toca,
É o mesmo que se desbota,
A cor d'Eon.

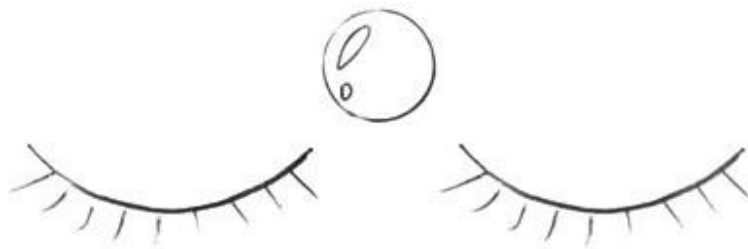
MORRER DE DÓ

Quando
Eu morrer,
Espero que não seja mais de amor.
Prefiro mesmo morrer de *Dó*.
Menor
Ou maior,
Quando derem flauta,
Mi encontrarão *Em* avançado estado
De musicalização.

TEM OURO ESCONDIDO NO
FUNDO DO AMAR



Me encontrei,
Quando deixei-te,
De amar. Desarmado,
Agora confesso:
Fui me achar,
No fundo do mar,
Quando afoguei-me,
Pro fundo no amar.



SOBRE SAIR

Sou
Sol,
Mar,
Céu,
Não
Seu.
Pois,
Sou
Mel,
Só
Meu.

SOBRE SER UM AMOR
TECIDO

Tomei um tombo.
Só, que
O meu amor
Teceu.

SOLCHOVE

Nunca
Me esquecerei,
Dó, cê.
Doce céu,
Mi fez tanto sal,
Que agora,
Sol,
Chove.

NAVEGAR É POR SI, SÓ



Nada melhor,
Pois, se há mar,
É nunca morrer,
De amor.



FLAGELO

Ralo,
Para não esquecer
Que andei,
Calado.

UM DOLÁSI, JÁ!

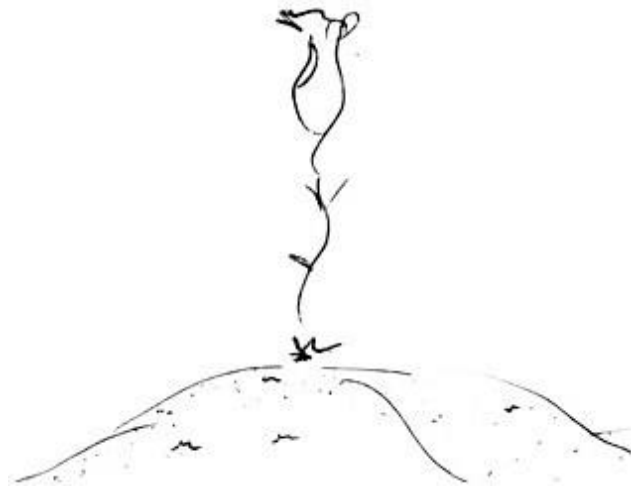
Em uma escala de *Dó* à *Si*,
Quantos sóis são necessários
Para enxergares que parti?

NÃO SEGURO MAIS MEU RIO

Sou,
Solzinho.
Meus passos,
Passarinhos.

Sorrio,
Pois, se ontem eu era várzea,
Hoje, sei que eu sou rio.

AUTOCULTIVO



Ontem, sofri.

Hoje, sou *fró*.



A TIRA NO MAR

Sem os abraços de seus braços,
Desembaraço.

Livre,
A mente,
Me abro,
Dou brado.
Desdobro,
Despacho.
Desfeito,
Sentia-me,
Finalmente.

Libre,
Lebre,
Lobo.

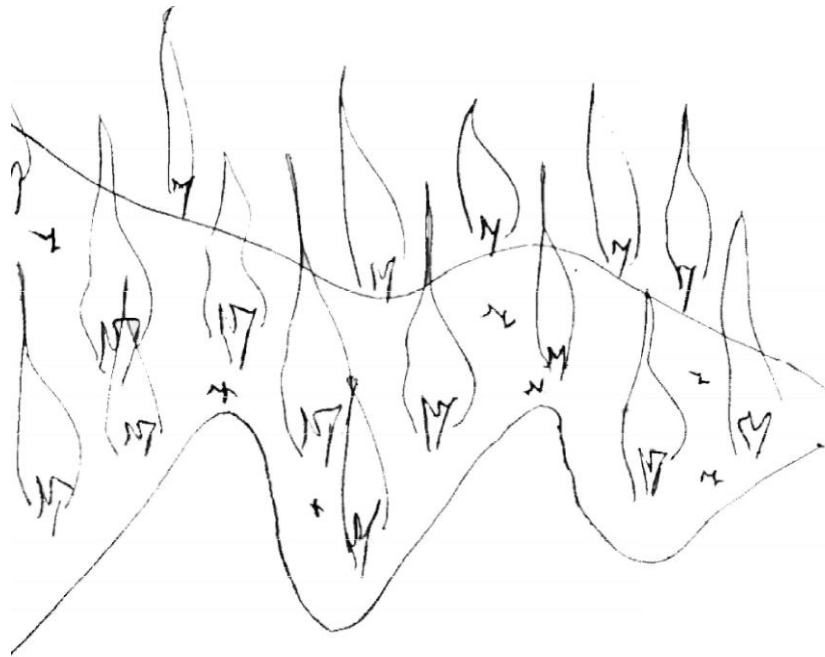
SABER RIR E IR

Fui num pé,
E voltei outro.

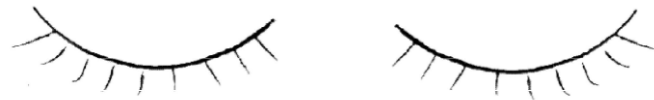
SUSSURRO

De repente,
A noite teceu por dentro:
O amanhã é seu lá fora.

MINAS NÃO TEM, MAR...



Quanto mar vivo,
Mar maravilhoso.



CANTA MEU COLEIRINHO

A Poesia é um passarinho selvagem,
Que desconhece gaiola:
Pousa ligeiro na pausa da nossa mão e,
Esvai-se embora.

NA TENSÃO

Pare.

Ore.

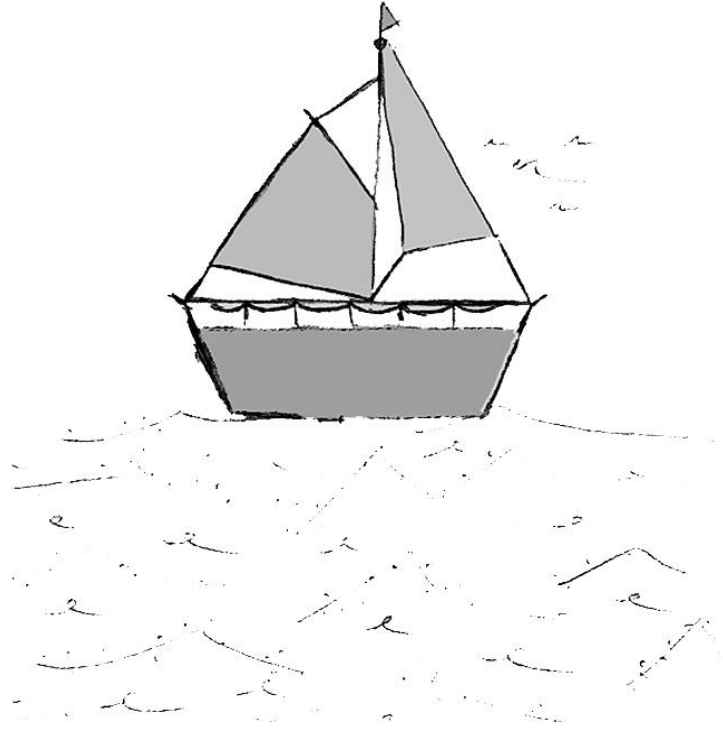
Se escute.

SUPER NOVA

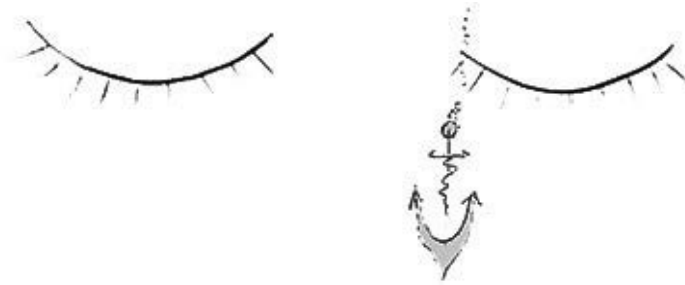


Já me perdi,
Por tantas luas.
Só, eu sei.
Como é bom estar
Solzinho.

SE AMAR CURA



Estou
Profunda
Mente
Há mar,
Curado.



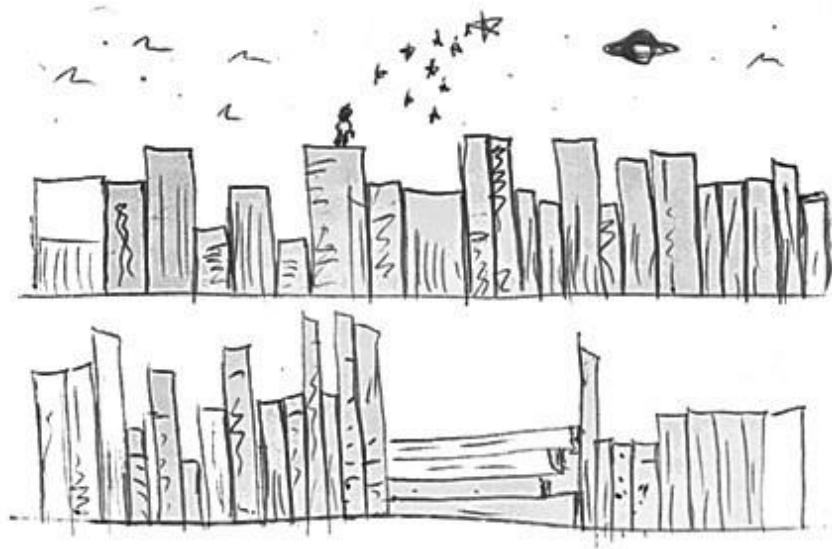
ANEDOTA

Não inventei de ser poeta,
Foi a vida que me fez poesia.

SE ESCREVI EM VÃO

Escrevia pois,
Escravo da leitura,
Entendia:
Só-
Mente,
Pelo verso
Da poesia.

AMANHÃ SER



Apesar do peso que carrego,
Não me arrependo d'esta vida,
Pois, se hoje eu ainda sou Poeta,
É para a manhã ser Poesia.



CURA DOR

Quanto,
Mais lido,
Mais livre,
Mais livro.

SÁVIO NÃO SABIA

Assobiou a sabiá?

Ou

Assoviou o saviá?

Sábio,

Sávio não sabia

Se a sabiá assobiava,

Ou se o saviá quem assovia.

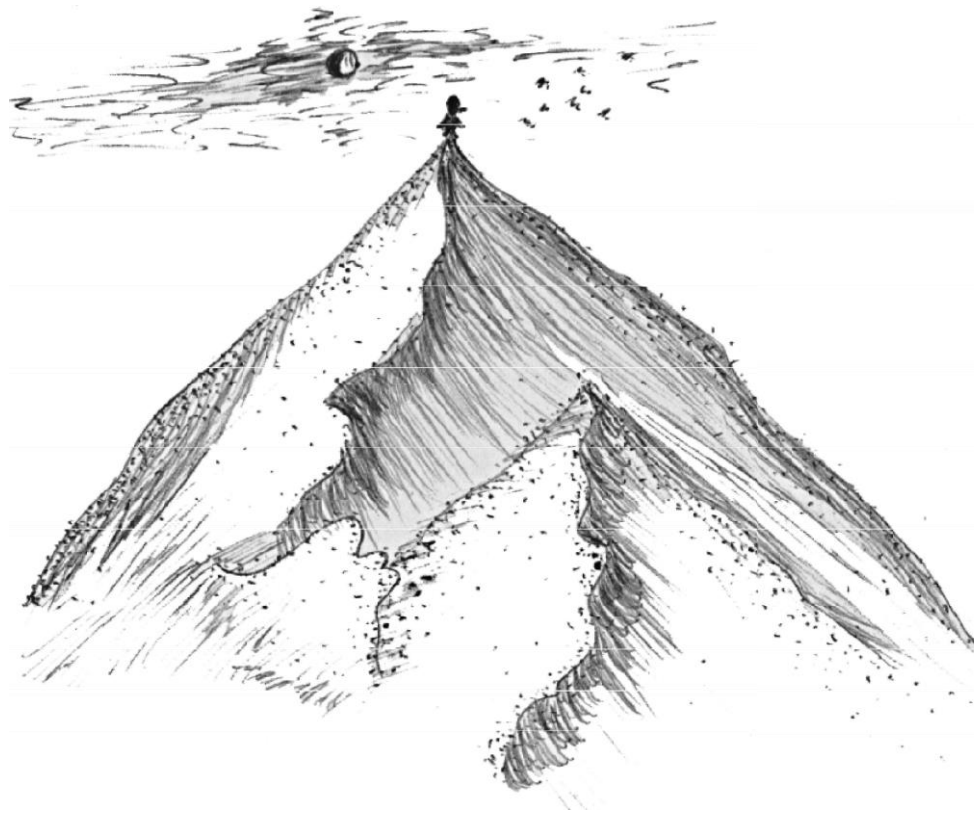
POETEIRO

Salivando só, ti pensar,
Enfiava mais palavras na boca,
Para saciar os vícios da língua.

BENDITA FRAÇÃO

Um terço na mão,
Ou
No quarto voando?

NA COPA DO MUNDO



É grow.



EXU DO LUTO

Me visto de preto,
Para dias de luta.

REXISTIR

Não me calam à pouca.

O CIS TEIMA

Eu posso;
Tu podes;
Ele pode;
Nós podemos;
Vós podeis;
Eles podem.

DEPOIS HÁ MANHÃ?

Que?

O que?

Que será?

O que será de mim?

Que será de mim, amanhã?

O que será de mim, depois de amanhã?

Que será de mim depois, de depois de amanhã?

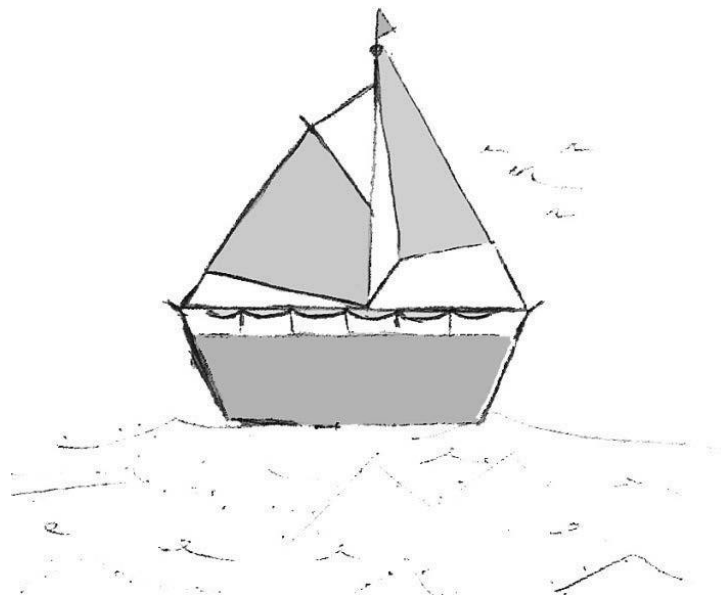
O que será de mim, Deus? Pois, amanhã de manhã já é amanhã.

SER REI

Penso,
Logo sinto.
Se sinto, lógico que escrevo.
Escrevo porque penso e,
Ao pensar, reflito e sinto,
Pôr um tanto;
Escrevo. Escrevo,
Não por vício ou ofício,
Nem tão pouco, exercício.
Escrevo contra o tempo,
Me remando com o vento do balanço
De palavras escorridas,
Metáforas, morfemas,
Rimas e metonímias,
Monemas com poemas:
Tele, fonemas.
Sou, porque escrito, existo.
Logo sei que, tarde ou cedo,
Eu serei lido.

O TEMPO

O vento
Balança a água,
Soprando em direção ao tempo.
Guinando a bombordo neste temporal,
Não temo ou medo pois,
Navego sentindo sol,
Para ser atemporal.



SOBRAS NA MESA

Ingredientes:

- 2 colheres de açúcar;
- Casca de limão;
- Claras.

Modo de Preparo:

Faça das Claras, Branca Neve.

Ar crescente, o açúcar e sal-

Pique casquinha de limão.

Com o papel manteiga,

Unte uma assadeira.

Derradeiramente,

Pingue a massa.

Derramada,

Ao forno,

Baixo,

Leve-

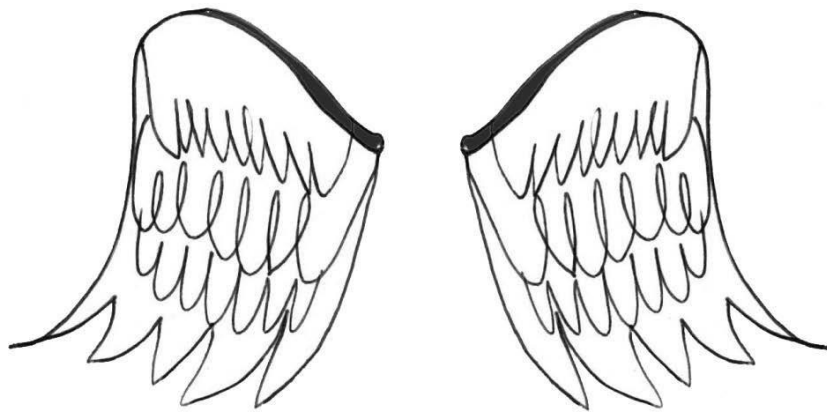
O

...

Estes serão meus últimos suspiros.

FUI UM ANJO

Sabe
Todo
Esse
Silêncio
Que
Sobrou?



Foi
Eu:
Anjo
Lindo,
Que
Passou.

VEZ

Agora é a minha.

Ora.

ASSIM FALOU O SEU SERAFIM

1

Poema,
Pianíssimo,

Fá moradia nas ar-

Térreas férteis, *Dó* meu coração.

Sem vergonha, começou a *Si* pôr, uma letra,
Cá, vou-me *Lá*, pro fundo e, quando o *Ré* da lua,
E a cheia, desabrochou *Si*, *Sol* para mim.

Mi, disse:

Eu,

Seu,

Serafim,

Anuncio:

Muito,

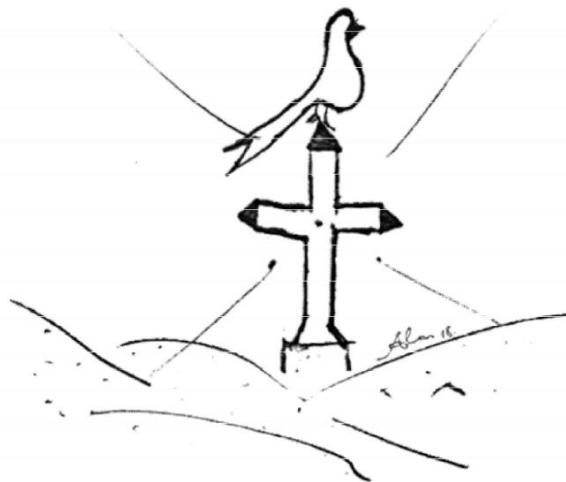
Em

Breve,

Será

Seu.

FIM



EPÍLOGO



Em raiz,
Somos.

SOBRE O AUTOR



É mineiro,
Uai.

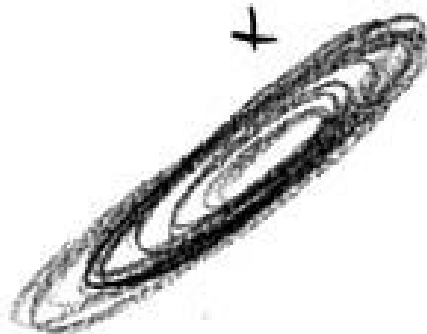
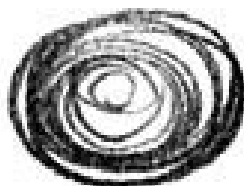
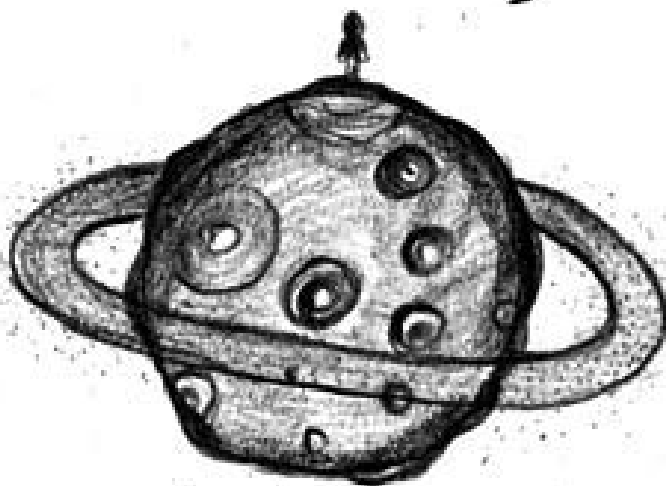


ESCRITO EM LEOPOLDINA
MINAS GERAIS,
EM 2018

ALAN VILLELA BARROSO
2019

Blog do autor:
www.alanblair.wordpress.com





the 17

**OS FANTASMAS
SEMPRE VOLTAM**

(texto de orelha na
versão impressa)

Por P. R. Cunha (autor
de “Paraquedas – um
ensaio filosófico”.)

à primeira vista pode
não parecer
mas é isto uma resenha
de

***a morte do poeta
vitalício – narrativas
de um padecimento
poético*** livro de
alan villela barroso que
talvez
muito provavelmente
seja
a melhor coisa que
aconteceu à
poesia brasileira desde
os irmãos
de campos (HAROLDO
& AUGUSTO)

artista
pesquisador
professor
músico
ilustrador
gosta de pedalar a
própria
bicicleta algures
mora em leopoldina-mg
interior
mas perto o bastante

do oceano para sentir
*ah, mar
e cia.*

alan villela barroso é
poeta
e não só

a tranquilidade da
morada
poética ou algumas
breves reflexões
(à guisa de introdução)
henry david thoreau
SÉC. XIX
perturbadíssimo com o
barulho da
locomotiva a invadir a
simplicidade
eloquente do campo
o espécime literário em
busca de
um qualquer
esconderijo
longe das balbúrdias
industriais
e tantas vezes a
frustração
certa impossibilidade de
se
encontrar sítio adequado
às práticas da
como se costuma dizer
alma

mas feliz aquele
(este é w. wordsworth)
feliz
aquele que se encontra

que consegue dialogar
com a própria
geografia e tem/cria
tempo
para lutar contra os
excessos
contra as explicações
pormenorizadas
[*toda a gente quer tudo
explicadinho
interpretado mastigado*]

é fácil imaginar alan
debruçado
sobre poesias enquanto
a chuva
tamborila
despreocupadamente
ao telhado
de sua casa

o poeta que no silêncio
estival
lê e escreve
e ensina e olha para o
céu
sim amiúde
para o universo
que se expande em
múltiplos versos

escutemos a voz do
poeta:

*meu mudo
meu canto
meu pedaço de só*
(pág. 29)

*arranhou o dia
era Sol que me faltava
(pág. 39)*

alan
que nos faz lembrar
e matar saudades de
galáxias e das
experimentações
de haroldo de campos
*isto não é um livro de
viagem*
alan que também faz
dançar
música & poesia
que trilha
sonoramente
(recordemos j. cage
anton von webern
alban berg os gênios
ultrabreves)
a arte radical do *silêncio*
mesmo que consigamos
ainda
escutar sons

alan
que também alonga os
intervalos
faz respiros com
ilustrações
traços que não
aborrecem
não procuram
acrescentar o óbvio
mas antes dialogam &
recriam
«pouco em quantidade
muito em qualidade»

*a morte do poeta
vitalício – narrativas
de um padecimento
poético* é um livro
sobre a importância de
se olhar
às estrelas
ao campo
aos acordes
musicais
para dentro de si

uma biografia da prática
cotidiana das anotações
(do notar [fora] do
notar-se
[dentro])
o contato com as
naturezas
ondas que vão-e-vêm
os ciclos cósmicos
por vezes tão terrenos

é ir-se sem sair do lugar


a singularidade que se
faz sentir
quando o leitor afasta-se
momentaneamente do
padecimento poético
agradável inquietação
questionamentos aos
sussurros
como se alan cantasse
aos ouvidos
«sugiro-te uma
caminhada
aqui fora»

& não seria esta a
importância
da poesia
principalmente em
tempos
conturbados como estes:
lembrar-nos daqueles
& daquilo que amamos
orientar-nos na
tempestade
nos mares
ou nas entranhas do
próprio coração?

alan villela barroso
bússola vitalícia
disponível aos
náufragos
basta abrir
— ler e ouvir







EMERGENTE
Atestado de Órbita:
Comunicamos, a quem não
interessar prosa,
A Morte do Poeta Vitalício,
O fardo de um bardo;
navegante em rio de
passagem, avante ao
padecimento lírio, em sua
vital existência poética.
Neste atestado de órbita, o
autor narra dor e cor;
purifica-se no delíquio da
poesia.

A MORTE DO
POETA VITALÍCIO

Narrativas de um Padecimento Poético

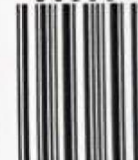
†
ALAN VILLELA BARROSO



ISBN 9781983092213



90000



9 781983 092213